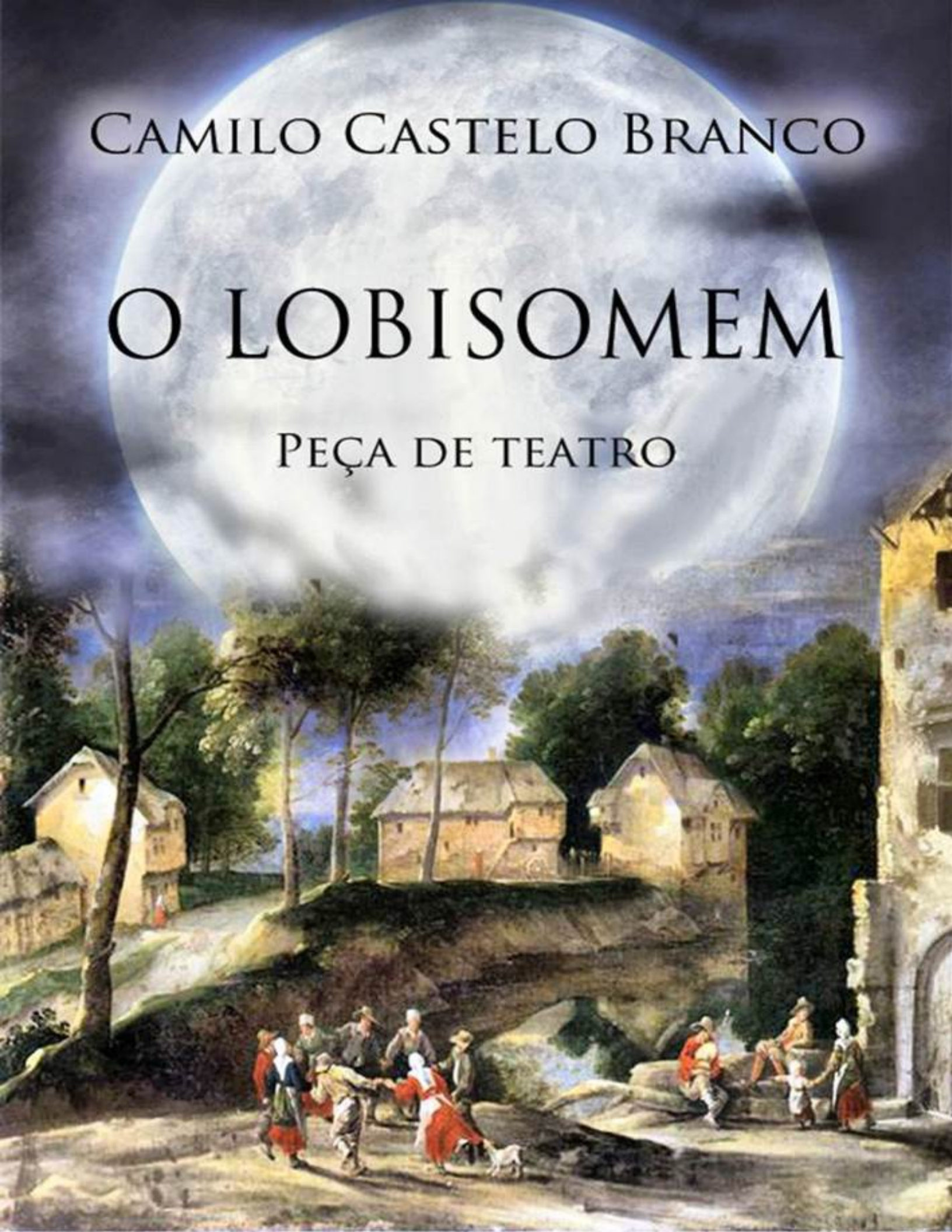


CAMILO CASTELO BRANCO

O LOBISOMEM

PEÇA DE TEATRO



O LOBISOMEM

CAMILO CASTELO BRANCO

PEÇA DE TEATRO

Esta obra respeita as regras

Do Novo Acordo Ortográfico

PERSONAGENS

João da Eira.

Mariana, sua filha.

Carlos de Ataíde.

O Vigário de S. Salvador.

Manuel do Portelo

Miquelina do Prado.

Um padre.

Seis ou mais encamisados.

Dois fantasmas, que correspondem ao 1.º e 4.º encamisados.

Gente do povo sem número designado, alguma da qual fala pouco.

Patrulhas, e o mais que for designado nas enunciações da cena.

1846. A cena passa-se na província de Entre-Douro-e-Minho

ACTO I

É noite de espadada.(*). Representa-se numa eira, onde se abre, ao rés-do-chão, e ao fundo, uma porta de carro, inferior a três velhas janelas de cantaria. Nestas, brilham algumas lâmpadas, formadas de papel pintado, com os seus bocados de vela no interior. Cada rapariga tem o seu cortiço, e molho de linho em rama, que castiga com a espadela, na borda do cortiço. Ao lado de cada uma, sentado no chão, está um rapaz, quebrando o feixe de linho, que passa depois à respetiva rapariga para espadelar. Elas vestem saias e jaqués de chita, com lenços vermelhos elegantemente apertados na cabeça. Eles, em mangas, e pela maior parte de chapéus de palha. Sobre um escabelo, ao lado do semicírculo, composto pelas espadeleiras, estão os rapazes que afinam rabeca, viola e outro com uma vareta e chave.

[() Espadada de “espadelar”, que consistia em bater o linho com um instrumento chamado espadela para separá-lo da sua parte mais áspera. Tal como a “noite da desfolhada” em que se tinha de desfolhar o milho, esta era uma atividade feita em comunidade numa aldeia, momento em que se reuniam os jovens (rapazes e raparigas) e em que à atividade se juntava também a celebração.]*

CENA I

João da Eira, Mariana, Manuel do Portelo, Miquelina e os mais descritos

(Ao correr do pano canta Miquelina)

Já fui canário do rei,

Já lhe fugi da gaiola.

Coro

Sim, sim, eu vou lá,

Ó Marianinha,

Sim, sim, eu lá vou

Ó pequerruchinha.

Agora sou pintassilgo

Destas meninas de agora.

Coro

Sim, sim, eu vou lá

Etc., etc.

O sete-estrela vai alto,

Alto vai o pensamento.

Coro

Sim, sim, eu vou lá

Etc., etc.

Eu não quero mais amores,

Tenho amores mais de um cento.

Coro

Sim, sim, eu vou lá...

João da Eira

Assim é que eu quero ver-vos, cachopas!... Vivam as cantadeiras, e viva toda a rapaziada!

Vozes

E viva o tio João da Eira!

João da Eira

Deus vos ouça, gente! Tendes vós mastigado e bebido que farte?

Vozes

Temos, temos, louvado Deus!

Uma voz

Aqui não se pergunta, tio João. Oxalá que de hoje a um ano vossemecê e nós estejamos aqui todos juntos, e de saúde.

João da Eira

Oxalá, rapazes. Então *(para os tocadores)* vós não cantais ao desafio? Ora vá, António da Rita, dá aí duas rabecadas.

Os tocadores

Lá vamos. *(Começam a afinar com umas posturas que lhes são especiais).*

João da Eira *(Para a filha)*

Então, rapariga, estás aí para um canto, que ninguém te vê?!

Mariana *(Triste)*

Estava aqui a conversar com a Miquelina.

João da Eira

Estavas... Mas era lá com as tuas imaginações... Nada de tristezas... Canta com as outras cachopas... Já te não ouço cantar há tanto tempo...

Mariana

Aí está muito quem cante... Eu vou para o pé da mãe; que está lá sozinha na cama...

João da Eira

Não está sozinha, não: há lá gente de sobra

Miquelina

É verdade, tio João, como está a tia Maria?

João da Eira

Como há de ela estar!... Assombrada... Não quer sair dos lençóis.

Uma das raparigas

Não que ele a falar a verdade...

Outra

Não sabe, tio João? O lobisomem apareceu ontem na eira do tio Manuel do Quinchoso.

João da Eira

Que me dizes?

Manuel do Portelo

Isso é verdade... Vi-o com estes dois que a terra há de comer.

João da Eira

Então sempre tem razão a minha Maria...

Miquelina

Ó Mariana, tu também viste o lobisomem?

Mariana

Deixai-me...

João da Eira

Olha a tola, a não querer dizer que o viu, com medo que ele lhe apareça... Conta lá isso, rapariga.

Mariana

Tenho medo... Sempre ouvi dizer — lobisomem falado, lobisomem ao lado.

João da Eira

Quer sim, quer não, eu vos conto. Faz hoje 8 dias que a minha Maria vinha do serão da tia Brásia com a minha Mariana...

Mariana

Eu tinha saído um poucachinho adiante...

João da Eira

Certamente, tu tinhas saído um poucachinho adiante, e a tua mãe estava a acender o fachoqueiro à porta da tia Brásia... Foi assim, rapariga?

Mariana

Foi, sim, senhor.

João da Eira

E nisto vem o lobisomem a correr, passa de repente ao pé da minha Maria, e apaga-lhe o fachoqueiro.

Vozes (*De mulher*)

Credo! Credo!

João da Eira

E a minha velha tomou tal pasmo, que se meteu em casa, pôs o ferrolho na porta, e gritou, gritou, até que a vieram buscar, enfiada na cama como se tivesse doente!!!

Miquelina

Não, que uma coisa assim, ó raparigas!...

Uma delas

E tu para onde fugiste, ó Mariana?

Mariana

Eul...

João da Eira

Essa veio muito depois para casa, e entrou-me na cozinha, toda arrepiada, cos cabelos caídos, e a tremer como varas verdes!

Manuel do Portelo

Eu sempre queria conhecer o tal lobisomem... Estou cá a desconfiar... Enfim, não quero dizer nada...

João da Eira

Que desconfias tu? Diz lá, homem...

Manuel do Portelo

Eu lhe direi a vossemecê...

Mariana

Ora não falem nessas coisas... Estávamos tão contentes, e vêm meter medos à gente...

Manuel do Portelo (*Vergando o cajado*)

Não... Eu, se ele por aqui passasse... Não sei, mas, se é fado, eu sempre era homem de lho cortar...

Uma das raparigas

Era uma obra de caridade fazer-lhe sangue... Dizem que se lhe quebra o encantamento...

Mariana

Vamos nós cantar, raparigas?

João da Eira

E melhor, é... (para os da estúrdia) Então esses instrumentos estão afinados?

Um deles

Estão aqui, estão prontos *(continuam a afinar com muitas expressões e gatimanhos —*
Ouve-se o estrépido cadenciado das espadelas. Vem de longe um som de buzinas de monte.)

Vozes

Aí vêm os encamisados...

João da Eira

São os rapazes de Escarei, querem vocês ver?! Deixa-os vir com bem... Ó rapaziada, eu não quero bulhas a troco de quezílias com a minha espadada... Deixem-nos brincar, e brinquem vocês também...

Alguns rapazes *(Erguendo-se e espreguiçando-se)*

Não há de haver nada, tio João.

João da Eira

Isso é o que se quer... Mas onde ides vós?

Um deles

Vamos cá pró pé da estúrdia.

Uma rapariga

António!... Olha lá se... Senta-te aqui, anda...

Outra

Ó Zé, senta-te aqui... Vós, quando lá ides ás espadadas deles, também não gostais que vos façam apupadas...

Manuel do Portelo

Não há de haver sangue, se Deus quiser...

Mariana *(Com aversão)*

Não quele, se te parece... Dá-lhe...

Manuel do Portelo

Não há de haver nada, Mariana.

João da Eira

Afinastes isso, rapazes? Ó homem!...

Tocadores

É como diz.

(Tocam a chula O da rabeca, principalmente, desengonça-se em variadas atitudes; o da vareta, como orgulhoso de si, dá ao instrumento as inflexões de uma harpa; o da viola, depois de tossir com as costumadas formalidades, descanta a seguinte trova):

Ainda agora aqui cheguei,

Mentir não sei.

Mais cedo não pude vir.

(Pausa)

Mas ainda venho a tempo,

És meu tormento,

De tuas falas ouvir.

João da Eira

Então, Miquelina, aquilo é contigo... Venha de lá essa resposta, e não te demores... Olha que ele já lá tem outra...

O mesmo cantor

Se me não queres responder,

Eu to vou dizer,

Eu to vou explicar.

(Pausa)

João da Eira

Vês, Miquelina, eu que te disse?

Cantor

E por eu ter fraca voz,

Beicinhos de retrós,

Para contigo cantar.

(Os rapazes gesticulam em ar de aprovação: o cantor revela todo o entusiasmo do seu triunfo.)

João da Eira

Então, deixas-te ficar mal, rapariga?

As raparigas

Responde, Miquelina.

Miquelina *(Canta)*

Para contigo cantar,

Rapaz da vida,

Não é preciso aprender.

(Pausa)

Eu não canto porque saiba.

Ai la ri ló lera,

E porque quero saber.

João da Eira (*E as raparigas*)

Foi boa, foi boa... Responde-lhe agora, se tens alma...

Manuel do Portelo (*Com intimativa*)

Qualquer deles sabe o que diz... No outro ano, na Senhora da Guia, quando eles cantaram, ficou ensilveirada a romaria por este par de anos... Aquilo é que foi...

Até lá estava a ouvi-los o Sr. Vigário!...

(*As buzinas soam perto*).

João da Eira

Eles aí vêm. Ó Mariana, vai à pipa da aduela rachada tirar um pichei de vinho para os encamisados... Traz uma broa e a faca de cabo de osso, se eles quiserem mastigar.

Manuel do Portelo (*Arcando o pão com a perna*)

Eu queria mas era mastigar-lhe os ossos... Raios me partam se...

João da Eira

Que estás tu aí a dizer, Manuel do Portelo? Tu estás com uma má filosofia de rosto... Ora anda com as tuas rópias e chulices... Que eu bem sei o que hei de fazer...

Um dos rapazes (*A meia voz*)

Toma conta, Manuel, que ele é capaz de te não dar a Mariana...

Manuel do Portelo

Eu tenho cá meus alvitres de descascar este carvalho nas costas daquele casaca lá da vila... Se ele vier...

CENA II

Os mesmos e os Encamisados

Encamisados são seis ou mais rapazes, mascarados da seguinte maneira: o 1.º vem de croça, que é um manto de capuz, tudo de palha: traz uma careta de cão. O 4.º cavalga uma canastra, terminando anteriormente num longo focinho, mais ou menos parecido com o de jumento. Traja casaca de seda do século XVIII, calção, e tamancos com esporas de correia. O 2.º vem de chapéu de bicos, casaco à imensa gola, e botas de montar. O 3.º veste-se de mulher: chapéu de palha com penas de peru, vestido de chita muito cingido ao corpo, e imensos tamancos. O 5.º é um antigo miliciano, com o suplemento de uma pasta à moderna. O 6.º para conservar a derivação desta usança imemorial traz a camisa por fóra das calças, e um lenço furado no lugar dos olhos, sobre a cara. (O ensaiador pôde imaginar os mais que quiser.) Quando entram, fazem uma ruidosa ingresia de falsetes, que mais ruidosa se torna com as risadas das raparigas, excetuando Mariana, que recebe, assim como os rapazes, impassível, os encamisados. Nota-se nos rapazes um ciúme feroz e estúpido. Os encamisados trazem paus.

João da Eira *(Rindo como um idiota)*

Vocês vêm bem arranjados... Ora, com efeito!... E a melhor encamisada que pisa o Minho!... Rapazes são o diabo... Vejam vocês isto!... Olha este! Parece-me o Sr. Capitão-mor... Deus lhe fale na alma (apontando para o 2.º)

4.º Encamisado *(falam sempre em falsete)*

Vossemecê não me conhece, tio João da Eira?

João da Eira

Eu não... E mais olha que...

4.º Encamisado

Quem sou eu?

João da Eira

Tu?... Tu és... És, por mais que me digam, és o Manuel da Pitosga...

(Os mascaras riem-se, e as raparigas estão em acionados, como quem adivinha os encamisados).

João da Eira

E este. Ó Mariana?

Mariana *(Erguendo-se donde estava conversando com o 1.º encamisado)*

Senhor pai...

João da Eira

Olha este *(apontando para o 4.º)* parece o Sr. Regedor quando anda aos votos pela freguesia... E esse... *(apontando para o 1.º, que está foliando ao ouvido de Mariana)* que está ele a dizer à rapariga?

1.º Encamisado

Estava a perguntar-lhe como está a mãe. Depois que viu o lobisomem.

João da Eira

Também já lá apareceu no teu povo o lobisomem?!

1.º Encamisado

Ele já!... Tem demónio!...

João da Eira

Então sempre é certo que ele anda por aí?!

1.º Encamisado

Se é certo!... Houve já quem lhe falasse...

(As raparigas olham umas para as outras com um ah de espanto).

João da Eira

Olha o milagre! Um lobisomem, depois de se espojar na encruzilhada, toma

outra vez o aspeto da sua própria pessoa, e tala com a gente como eu aqui estou a falar convosco...

Manuel do Portelo

Não... Ele sempre tem sua coisa de diferente...

As raparigas

Que é, que é?

Manuel do Portelo

Anda amarelo como um pêssego maduro, e às sextas feiras ninguém o apanha em casa.

João da Eira

Que me dizes? — e eu à 6.^a feira que vou sempre dormir para a minha aldeia da Portela!! Olha se eu o encontro por lá!...

1.º Encamisado

Os lobisomens não fazem mal a ninguém, não é assim, ó Mariana!

Mariana

Eu sei-te!...

João da Eira

(Para o 1.º encamisado). Isso és tu que o dizes... Olha a minha companheira que está na cama tolhida de pernas e braços!... Ora o tolo não está mau!...

Manuel do Portelo

Olhe aqui, ó tio João... (As raparigas vão sentar-se nos seus banquinhos espadelando; os encamisados vão com elas. Manuel e João ficam separados).

João da Eira

Que queres, homem?

Manuel do Portelo

Eu não lhe disse há bocadinho que tinha cá umas desconfianças?...

João da Eira

E daí?

Manuel do Portelo

Eu... (e Deus me perdoe se peço)... O lobisomem cá para mim acho que é o estudante que está em casa do Sr. Vigairo a aprender as gramáticas...

João da Eira

Cala-te lá, rapaz...

Manuel do Portelo

É o que lhe digo. O homem anda amarelo como o entrecasco do bucho; traz os cabelos arrepiados como os bigodes de um gato... E sabe que mais?... Às sextas feiras não está em casa...

João da Eira

Isso nem eu... Então também sou lobisomem...

Manuel do Portelo

Homem! Vossemecê é mais velho, e como o outro que diz tem visto muita coisa; mas sempre lhe digo que olhe para a verónica do estudante quando o vir...

1.º Encamisado

Tio João, venha vinho!

João da Eira

Lá vou, lá vou, rapazes... Ó Mariana, onde está o pichei?

Mariana

Está aqui, está aqui, Sr. Pai... *(João da Eira junta-se às espadeleiras e ficam sós o 1.º*

encamisado e Manuel do Portelo)

CENA III

1.º encamisado e Manuel do Portelo enquanto João da Eira não torna a
aproximar-se

1.º Encamisado

Que fazes tu, Manuel do Portelo? Andas atrás da Mariana da Eira?

Manuel do Portelo

E tu que te importa atrás de quem eu ando! O por agora não dou satisfações a ninguém.

1.º Encamisado (*Zombando*)

Satisfações!!! Que estás aí a dizer, meu pelego? (*ri-se muito e quer dar-lhe uma chapelada*).

Manuel do Portelo

Pelego! Não me toques, olha que te arrumo pela orelha!... Acajo que me pareces...

1.º Encamisado (*Rindo cada vez mais e apontando*)

Acajo!! Acajo!! Que grande parrano! O meu gosto era dar-te um revés de cascudo.

Manuel do Portelo (*Medindo-o de alto a baixo*)

Os diabos me levem se tu não és o estudante...

1.º Encamisado

Que estudante!? Meu gebo! Diz, gebíssima criatura!.,.

Manuel do Portelo

Aquele magricelas que veio da vila estudar as gramáticas para casa do Sr. Vigairo...

1.º Encamisado *(Com seriedade)*

Deixas-me dar-te uma palmada nesse tambor que trazes na cabeça?

Manuel do Portelo

Pois olha... Se eu soubesse que eras o estudante...

1.º Encamisado

Não sou, palavra de honra! Mas tu se o visses atiravas-lhe, meu Manel?!

Manuel do Portelo

Não sei o que seria... *(O encamisado vai-se retirando)*. Ele é este diabo!... *(á parte)*.

1.º Encamisado

Vou beber à saúde da tua Mariana... *(Retira-se para o grupo)*.

Manuel do Portelo

Em veneno se te faça no estômago!... Eu não sei, mas ele não é outro... Ó tio João, olhe aqui, que já vai... *(Chamando João da Eira, que estava entre as espadeleiras)*

João da Eira

Que queres, homem? Acaba lá com isso de uma vez...

Manuel do Portelo

Em cortesia... Olhe que o lobisomem anda aí...

João da Eira *(Sobressaltado.)*

Tu que dizes, Manuel? Jesus!... Ó gentes!...

Manuel do Portelo

Olhe cá, tio João, em cortesia; anda aqui o lobisomem, mas está no aspeto da própria pessoa, como vossemecê disse...

João da Eira

Ora vai destampar gamelas... És um tolo, um fracalhão...

Manuel do Portelo

O que? Ó tio João... Ainda o meu centeio, o comam as cabras, se isto não é tal e qual.

João da Eira

Então, diz lá quem é... Quem é o lobisomem?

Manuel do Portelo

É o estudante que anda aí com a croça... Vê-o a falar com a Mariana?

João da Eira

Tu sabes lá quem é!... Ei-lo aí vem...

1.º Encamisado

E o lobisomem? *(João muito espantado a olhar para ele).*

João da Eira

E o lobisomem!... Tu quem és, ó careta?...

L.º Encamisado

Eu sou o Zé da Zefa, filho da Zefa e do Zê, neto do Manel da Brígida, e da Brígida do Manel...

João da Eira

O que me pareces é que és um grande brejeiro... Olha que me disseram umas coisas que não te são muito boas se forem como por aí se diz...

1.º Encamisado

Ó tio João, vossemecê deixa-me meter ferro aqui ao Manuel?

João da Eira (*Formalizado*)

Meter ferro!! Queres-lhe dar alguma facada?!...

Manuel do Portelo (*Fazendo roda com o pau e cuspiendo nas mãos*)

Arrede daí, tio João, arrede, que eu sempre quero ver quem são os homens.

João da Eira

Victo serio... Não haja nada...

As raparigas cantam e espadam ao mesmo tempo. O 1.º encamisado, sem dar importância às ameaças do Manuel do Portelo, vai sentar-se ao pé de Mariana, que o recebe muito risonha.

João da Eira e Manuel do Portelo vão-no seguindo, e acenando de longe.

Canto

Duzentos galegos

Não fazem um homem,

Porque quando comem

Seu dinheiro, meu dinheiro,

Homem embusteiro,

Que arriscado andas... Etc.

Findo o canto, o 1.º e 4.º encamisados vem à boca da cena, conversam ao passo que os outros entretêm-se em volta da estúrdia que afina os instrumentos.

CENA IV

1.º e 4.º encamisados, João da Eira, Mariana, Miquelina, raparigas

1.º Encamisado

Ouviste?

4.º Encamisado

Sim, senhor.

1.º Encamisado

Daqui a pouco retiro-me além para aquele souto... Vês?

4.º Encamisado

Vejo, sim, senhor, naquela clareira... (*apontando*).

1.º Encamisado

E tu como hás de gritar?

4.º Encamisado

Fujam, fujam, fujam!...

1.º Encamisado

Justamente.

4.º Encamisado

Mas cuidado com o Manuel, que não é bom...

1.º Encamisado

Não tem duvida — *(vão para os grupos)*.

Mariana

Senhor pai, não temos mais que fazer.

João da Eira

Pois brincai, raparigas, brincai...

As raparigas

(Erguendo-se e sacudindo as arestas do linho). Vamos dançar...

João da Eira

Olha aqui, Mariana... Vês aquele encamisado de cara de cão?

Mariana

Vejo, sim, senhor.

João da Eira

Cuidado com ele!... A modo que ouvi dizer que é o lobisomem... Não te chegues

muito, ouviste?

Mariana

O senhor pai está a querer meter-me medo...

João da Eira

Agora estou... Olha que o lobisomem ali onde o vês é o estudante que anda nas gramáticas em casa do senhor Vigairo... Conheces?...

Mariana

Conheço de o ver andar à caça por aqui...

João da Eira

Ouviste? Cuidado com as sextas feiras, que eu cá não estou... Olha que ele então anda por fóra a cumprir o fadário...

Miquelina

Anda, Mariana, que estás aí a fazer?

Mariana

Aí vou, aí vou... Dançai vós...

Vozes

A cirandinha! A cirandinha!

Mariana

Pois vamos lá à cirandinha.

1.º Encamisado

E eu vou pelo meio!

A cirandinha é uma dança em círculo, e de mãos dadas homem e mulher, alternadamente. No fim da correspondente cantiga, o que anda no meio deve haver-se com muita cautela para

agarrar uma das raparigas, no breve intervalo em que a cadeia se quebra. A copla é a seguinte:

«O ciranda, cirandinha,

«Vamos nós a cirandar.

«Meia volta dareis vós,

«Meia volta...

O 1.º encamisado agarra-se à mão de Mariana antes de fechada a quadra do canto. Manuel do Portelo saiu do círculo, pegou no pão, e faz-se ao largo.

CENA V

Manuel do Portelo, raparigas, encamisados, João da Eira

Manuel do Portelo

É ele, seu amigo da croça! Olhe que eu faço-lhe tamanha estadulhada à cabeça, que você não torna a erguer-se daí!...

As raparigas

Então porque foi isto agora?

Manuel do Portelo *(Com ênfase)*

É porque ele agarrou na mão da Mariana antes de chegar ao fim da cantiga...

4.º Encamisado *(Galopando com o burro fantástico à frente do Manuel do Portelo).*

Então por isso mata-se um homem?

Manuel do Portelo

Olha que eu bem te conheço... És o Isidro da tia Brígida... Não me estejas cá com chanças, porque eu não sou o Zê da Polinária, a quem tu na romaria da Senhora da Livração quebraste um canelo com um calhau... Ouviste?

(Os rapazes vão pegando em paus).

3. ° Encamisado

(Despindo o vestido de mulher e ficando em mangas de camisa, com o chapéu de mulher na cabeça, sai para o terreiro com o seu pão em rijas partidas).

Cá um homem é para outro... Aqui é que se vê quem tem alma... Então quem é aqui que renta? Quem tiver amargores de boca...

João da Eira

O diabo! Eu não te conhecia com esse alguidar na cabeça.. Eras tu, João Almocreve? Dá cá esse abraço...

3.º Encamisado *(Com a dignidade de quem dá a razão do seu dito).*

Não quero cá saber de desgraças... Todas as vezes que um homem é homem e que diz a outro, com o seu aspeto descoberto, eu sou homem para você... É que não há senão dizer — «aqui está o meu peito!» Quem é amigo, e vê o seu amigo, como diz o ditado, em resistência da sua própria natureza, eu, se sou amigo do meu amigo e tenho o meu pão, vou-me pôr à beira do meu amigo— entende você?...

João da Eira

Tens razão... Mas não haja aqui nada...

Manuel do Portelo

Arrede lá, que eu. Já não vejo esse homem. Arrede, tio João, que esse é meu.

Os encamisados, à exceção do 1.º que tem desaparecido, começam a fazer roda com os paus. O da canastra faz suas pontuadas secas, até que um dos rapazes da aldeia lhe decepa o jumento com uma paulada. As raparigas abraçam-se com os da bulha, conseguem sustê-los entretanto que o 3.º encamisado mostra com acionados que está dando as suas razões ao João da Eira.

4.º Encamisado

Venham ver... Venham ver...

Vozes

Que é? (*desorganizando-se inteiramente o tumulto*).

4.º Encamisado (*Muito aterrado*).

A espo... Espo... Li... Nhar... Se.

João da Eira (*Apontando aterradíssimo*).

O Lo... Lo... Bis... Omem!

As raparigas

Credo! Jesus! S. Bento! Senhora da Guia!...

4. ° Encamisado

Ele aí vem... Ele aí vem!... Fujam! Fujam!...

João da Eira

Ele aí vem!... Ele aí vem!... Fujam, fujam. .

Raparigas

Ai Jesus í ai Jesus! Ai Jesus!

(Entram em magote pela porta de carro, à exceção de Mariana, que se esconde a um lado da eira. O lobisomem aparece efetivamente em correrias, à laia do procurador do Duende. Vem com um vestido justaposto ao corpo, negro, com rabo de cavalo muito comprido, e o mesmo focinho de cão que há pouco trazia na qualidade de 1.° Encamisado. Faz algumas piruetas na cena entretanto que o tumulto se engolfa pelo portal do lavrador. Fechada a porta, Mariana aparece; o lobisomem pega-lhe da mão, e foge com ela.)

João da Eira

Olhem se a Mariana entrou... Mariana! Mariana! (*Aparece na janela bradando por a filha. O lobisomem torna à cena, e João fecha rapidamente, bradando: — Oh diabo! Que ele aí torna! — O lobisomem desaparece.*)

(FIM DO PRIMEIRO ACTO)

ACTO II

A esquerda, a frontaria da igreja de S. Salvador, deixando ver um dos panos da parede, com passagem contígua. Ao fundo. A casa de residência do vigário, com entrada ao rés-do-chão. A maior parte do palco é uma a amida ou adro.

CENA I

Vigário, rapazes, raparigas, João da Eira

Alguns rapazes cíos que vimos no 1.º acto, vestidos de festa, disparam os seus bacamartes, e mostram-se muito azafamados neste entretenimento. Ouve-se o sino da igreja repicando. Depois, do interior do templo, saem uns esposados, a quem muitas raparigas lançam flores, entre ruidosas aclamações de flores à desposada! Os rapazes continuam o seu tiroteio, com grande garbo e aprazimento das suas pessoas. Entre a multidão avulta a pessoa do Sr. João da Eira, com o seu imenso casaco azul e sem gravata. A desposada e desposado podem ser quaisquer figurantes. Acresce aos designados o reverendo pároco da freguesia, de estola e sobrepeleiz.

Vigário *(Sorrindo)*

Calai lá a boca a esses bacamartes, rapazes! Quem vos ouvir pensará que anda por cá revolução popular...

Rapazes

Vivam os desposados!

Vigário

Vivam, e sejam venturosos, por larga vida e felizes anos.

O desposado

E V. S.a, que os conte, Sr. Reverendo vigário, na companhia de quem mais seu gosto for.

Vigário

Então, cachopas, vós antes cantavam como em nenhuma freguesia destes arredores se cantam as nossas modas. Naturalmente, estais tristes por não casardes também!...

As raparigas

Agora estamos...

Vigário

Pois, então, cantai alguma coisa em honra da vossa companheira.

Miquelina

Que havemos nós cantar?

Vigário

O que quiserdes.

Uma das raparigas

Ó Miquelina, começa lá aquela da Donzela porque não casas?.. Gosta, Sr. Reverendo vigário?...

Vigário

O que quiserdes, o que quiserdes.

Miquelina (*Canta*)

Donzela, porque não casas,

Com rapaz que bem te queira?

Coitadinha! Não te querem

Porque não és cantadeira?

Coro

Coitadinha! Não te querem

Porque não és cantadeira?

Tenho uma casa de meu,

E também tenho uma leira,

Tenho bragal, tenho ouro,

Tenho alma verdadeira.

Coro

Coitadinha, etc.

Também canto umas cantigas,

Que eu só sei cantar na aldeia;

Mas ninguém me quer... Paciência!

Já sei que morro solteira...

Coro de homens

Queres tu comigo casar,

Donzela, se és cantadeira?

Solo — Casarei, se me tu queres

Com afeição verdadeira.

Coro geral — (Alegro) Ora, pois, seja louvado

O Senhor que vos juntou;

Quem quis cantar para casar,

Sempre no mundo casou.

Vigário

Deus vos abençoe, meninas! Ide, ide, que já

Não é cedo... Inda_ agora reparo!... O? Sr. João da Eira, a sua Mariana não veio!?

João da Eira *(Com tristeza)*

A minha Mariana, Sr. Reverendo vigário... A esse respeito temos que falar em particular.

Vigário

Sim?... Pois nesse caso ficaremos... Ide, ide na paz do Senhor... Que lembrança foi a vossa em guardar este casamento para tão tarde, nestes dias de inverno!?

O desposado

Foi o alfaiate da vila que me fez este casaco, e mandou-mo depois do meio dia.

Vigário

Deixa lá ver... Anda lá, que está como se quer... Adeus, adeus.

Muitas vozes alternadas

Adeus, Sr. Vigário. Fique com a nossa Senhora: passe muito bem, até outra vez,
etc.

(O sino e os tiros recomeçam, e calam-se rapidamente.)

CENA II

O Vigário e João da Eira

Vigário

Ora diga lá o que temos de má notícia, que já vejo que não vai dizer-me coisa alegre...

João da Eira

O certo é que não, Sr. Reverendo vigário... E bem me custa, porque, enfim, a coisa é com a minha mulher e com a minha filha.

Vigário (*Estupefacto*)

Que dizes, homem! Com a sua filha e com a sua mulher!! Eu!! Eu!!

João da Eira

Eu queria dizer que lhe toca pela roupa...

Vigário

Explique-se, que eu não o entendo...

João da Eira

Pois, enfim, saberá o Sr. Reverendo vigário que tem um lobisomem de portas a dentro.

Vigário

Este homem endoudeceu!... Eu tenho um lobisomem de portas a dentro!

João da Eira

Assim me Deus salve em como tem...

Vigário

Não jure, criatura... Vossemecê está fora do seu juízo...

João da Eira

Agora estou!... Oxalá que mentisse... Eu lhe conto...

Vigário (*Benzendo-se*)

Jesus! Santo nome de Jesus, que lembrança!

João da Eira

O lobisomem, Sr. Vigário, é o estudante das gramáticas que V. S.a cá tem a ensinar.

Vigário

O estudante!... Eu cada vez o percebo menos!...

João da Eira

Quer o Sr. Vigário saber se ele é ou não é lobisomem?... Olhe se ele está em casa à sexta-feira.....

Vigário

Nesses dias vai ele visitar a família a Vila Real.

João da Eira

Não como essa, Sr. Vigário, e perdoará em lhe eu ir à mão. Olhe (apontando para os olhos) com estes vi-o eu a espolinhar-se no meu souto da Reboleira, e depois...

Vigário

Que diz, Sr. João, que está vossemecê aí a dizer disparates!...

João da Eira

Deus me não ajude, se isto assim não é... A mulher Já a tenho empregadinha, que se não meche; a filha está que ninguém a conhece, engelhada, magra, e cheia

de ossos, e tudo isto foi... Faz no sábado três meses que eu fiz a minha espadada.

Vigário

Homem, eu estou abismado! Então o rapaz bateu-lhe na família?

João da Eira

Foi o lobisomem, porque V. S.a bem sabe que os lobisomens, estando no aspeto da sua própria pessoa, não fazem mal; mas como eu vinha dizendo, no fim da minha espadada apareceu o lobisomem, e fugimos todos; só a minha Mariana ficou de fóra, por não poder entrar, e tal medo apanhou que me está tolhidinha. Não tem vontade de comer, anda sempre a chorar, não vai ao campo, e diz o barbeiro-cirurgião o que ela tem uma obstrução no corpo, salvo tal lugar.

Vigário

E como sabe vossemecê que é o meu estudante o lobisomem?

João da Eira

É porque dizem por aí todos; veja-lhe V. S.a a cara e verá como ele a tem amarela.

Vigário

Aquela é a cor dele, criatura de Deus... E não tem outra razão melhor que essa?

João da Eira

Sei que ele esteve na minha espadada... Ainda quer outra razão, Sr. Vigário?

Vigário

Esteve!?

João da Eira

Tal e qual, e sabe que mais? A minha rapariga, às vezes, a sonhar, falia nele... Ele não se chama Carlos?

Vigário

Chama, sim.

João da Eira

Vê? Olhe se lho eu digo...

Carlos (*Fóra de cena, assobiando e chamando os cães*)

Perdigueiro! Boca! Aqui! Preguiça! Ladina! Cadela de mil diabos! Aqui... Pega...

Vigário

Ele aí vem.

João da Eira

Eu estou capaz de mir embora, que não vá ele tolher-me como me tolheu a mulher e a filha...

Vigário

Não, senhor, deixe-se estar.

João da Eira

Homem!... Eu não sei o que faça...

Carlos

(Fóra de cena e mais perto) Neptuno! Os diabos te levem! Cassandra! Tito-Lívio!... Boca... Diabo!... *(chegando à cena sem reparar)*. Os infernos te confundam, espingarda de guerrilheiro... Este demónio errou três vezes... *(Bate a arma, que se dispara — João da Eira dá um grito e fica em convulsões)*.

João da Eira

Eu... Eu... Eu que lhe disse, Sr. Vigário?... Estou tolhido...

CENA III

Os mesmos e o estudante

Vigário (*Com severidade*)

Que modos são estes. Sr. Carlos?

Carlos

Boas tardes... Eu não os via... Passou bem, Sr. Padre mestre?

Vigário

Passei bem, muito obrigado.

Carlos (*À parte*)

Oh diabo!... Cá está o pai de Mariana!...

Vigário

O Sr. Carlos de Ataíde, conhece este senhor?

Carlos

Não me recordo de o ter visto... Naturalmente é o mestre-escola cá da freguesia...

João da Eira

Nada, eu não sou mestre mestre-escola, não senhor.

Vigário

Com que então não conhece?

Carlos

Mas tenho a honra de ficar conhecendo... E o Sr. Padre-mestre que mo apresenta...

Vigário

Sim, senhor — sou eu que lho apresento... E o Sr. João da Eira, natural da Reboriça, que costuma ter a sua espadada... Olhe se se recorda por esta circunstância...

Carlos

Nada... Eu não estou certo... Mas enfim... *(querendo apertar-lhe a mão, que João da Eira mete na algibeira)*. Muito gosto em conhecer... Passou bem? E a família. Boa?

João da Eira *(À parte)*

A família?... Que maroto!... *(alto)* Vai indo.. Deus louvado... Nunca pior... Vamos por lá vivendo... E lá a sua obrigação como vai?

Carlos

Sofrivelmente... Passageiramente... Satisfatoriamente...

Vigário (*Com severidade*)

Sr. Carlos! E preciso que o Sr. Seja muito mau membro da sociedade, mau cristão, e muito mau filho, para que iludindo as diligências paternas e as minhas, se sirva de falsidades que lhe assentam pessimamente...

Carlos

Então, que há de novo?

Vigário

Não seja, além de indócil, motejador. O Sr. Estudante, por motivos desairosos, foi mandado para aqui estudar, visto que em Vila Real se tornava um mau membro da sua virtuosa família. Chegando aqui, iludiu os seus pais, dizendo-lhes que não ia lá uma vez por semana para escurecer a memória de certos factos, e para aproveitar no estudo; e a mim dizia-me que ia ver o seu pai às sextas-feiras e parte dos sábados... Que fazia o Sr. Nestes dias?

Carlos (*Com humildade irónica*)

A vida contemplativa, Sr. Padre-mestre...

Vigário

Não zombe, senhor! A vida que o senhor levava pelas espadadas, e por... Que sei eu? Por onde o Sr. Semeou talvez o grão da imoralidade, em aldeias pobres e inocentes...

Carlos

Sr. Padre mestre: terminou a sua verrina? Marat, Danton e Robespierre nunca falaram com a barriga horrorosamente peripatética... Isto é, vazia. Eu prometo uma tocante defesa: peço-lhe que suspenda o seu juízo; mas permita-me que vá primeiro à cozinha buscar inspirações.

Vigário

Seja cortês, Sr.!... Que foi fazer à espadada deste lavrador?

Carlos *(Para João da Eira)*

Vossemecê viu-me lá?

João da Eira

Vi, sim, vi, e o senhor é o lobisomem. (*Carlos ri às gargalhadas*). Bem se lhe vê na cara...

Carlos

Vê-se-me na cara um lobisomem!!! Deixe-me ir ao espelho... Com licença... (*quer sair.*)

Vigário

Esperem! É necessário sabermos se fez alguma coisa das suas cruéis brincadeiras para atemorizar a família deste senhor...

João da Eira

Isso é que é verdade.

Carlos

Ai! Este senhor tem uma família atemorizada!? Exorcismos, meu amigo, exorcismos, e muita soma de água benta... Sr. Padre-mestre! (*dignidade caricata*). A minha consciência repele a injusta e caluniosa agressão que impiamente lhe fazem. Invoco os cadáveres que aí estão no chão da morte, dormindo o sono eterno, para que; envoltos na sua mortalha, venham aqui dizer se eu, Carlos de Ataíde e Valadares Tinoco, sou lobisomem. (Correndo d porta do templo). Erguei-vos, mortos, do vosso leito de pedra! Erguei-vos, honrados anciãos!... Erguei-vos...

João da Eira

(*Benzendo-se apavorado*). Credo! Santo nome de Jesus. Credo! Ave-Maria!...

Vigário

Basta de ridículo, senhor!...

Carlos (*Dramático*)

Eu quero o depoimento dos mortos!...

Vigário

Retire-se!

Carlos

Boas noites. (*Sai*).

CENA IV

João da Eira e o Vigário

João da Eira

Que mau homem, Sr. Vigário, que mau homem!...

Vigário

Falemos sério, meu amigo, olhe que isto de lobisomens é mentira.

João da Eira

Homem! Essa não esperava eu de quem tem cartilhas e missais como o Sr. Rev. Vigário!...

Vigário

Pois creia no que lhe digo. Deus condena os culpados no outro mundo, não é

nesto. Quem faz o mal irá para onde o pague, mas neste mundo, justos e criminosos, todos são homens com figura humana, não há lobisomens, nem outras visões, que os nossos avós inventaram sentados ao lar...

João da Eira

Pois se eu o vi!... Quer me o Sr. Vigário meter os dedos pelos olhos... O meu amigo, o que disseram os velhos é escritura...

Vigário

Pois como o Sr. Viu uma coisa que se lhe pareceu com outra, é que eu chego a acreditar que este maldito rapaz, para assustar a boa gente destas aldeias, andasse por lá a fazer arruído...

João da Eira

Mas ele tinha um rabo como a minha égua, e uma cabeça de jumento, com licença das suas barbas honradas...

Vigário

Teria, teria, que os rapazes deste seculo têm tudo quanto querem, logo que não têm a religião dos seus pais... Vá vossemecê para sua casa, diga à sua filha e a sua mulher que esse fantasma que elas viram não foi mais que a travessura de um estudante, com o fim de assusta-las. E mais nada...

João da Eira

Mas a minha Mariana está chupadinha de todo!...

Vigário

Pois aí tem — foi medo, cujos efeitos passarão com o desengano que vossemecê lhes vai dar.

João da Eira

Parece-lhe então que não seria lobisomem, Sr. Vigário?

Vigário

Não era, dou-lhe a minha palavra de sacerdote.

João da Eira

Isso agora é outra coisa... Vou descansado, e com isto fez-se-me noite; estimarei que passe muito bem até avista.

Vigário

Adeus, Sr. João, console a sua família, e leve-lhe as minhas bênçãos. (*O vigário recolhe-se e fecha a porta*).

(*É noite*).

CENA V

João da Eira e depois um fantasma

João da Eira

Ora não há dúvida... Foi o maroto do estudante que me assustou a mulher e a filha!... Pobre rapariga! Nem eu sei como o maldito lhe não.. Ora vamos lá para casa.

(Ao virar se dá de cara com um vulto embrulhado num lençol, que vem rente com a parede da igreja, a passo solene e cadenciado. João da Eira solta um grito, recua, ataranta-se e foge para a porta do vigário. Chama e bate primeira e segunda vez, quando o fantasma estende um braço, pintado de tinta, fora do lençol).

Fantasma *(Voz sepulcral)*

Pára!

(João da Eira cai de joelhos).

Fantasma

Os brados de um inocente chegaram às profundidades do meu jazigo eterno! Tu condenaste um justo de lobisomem, e esse justo invocou o testemunho dos mortos!

João da Eira

Perdão, perdão, já aqui não está quem falou...

Fantasma

Ergue-te, mortal caluniador!

João da Eira

Alma, quem quer que sejas, em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo!...

Fantasma

Escuta! É preciso que chames o vigário desta freguesia e lhe digas que uma alma do outro mundo te anunciou que Carlos de Ataíde é um santo, um anjo perdido na terra, uma pérola desgastada da coroa de um querubim.

João da Eira

Senhora alma, se lhe não custa, V. S.a faz favor de me dizer outra vez essas coisas?...

Fantasma

Quod dixi, dixi!

João da Eira (*À parte*)

Aquilo é latim: como elas sabem!

Fantasma

Pedirás perdão à vítima inocente pela calúnia atroz que lhe imputaste! Os

mortos acordaram do seu sono! O mistério dos túmulos foi rasgado no seu seio!
(João da Eira está rezando um credo em cruz). O inferno revoltou-se nas suas chamas!
E os espíritos de Satanás vagueiam sobre a tua cabeça em turbilhões... *(João da Eira sacode com as mãos os turbilhões)*.

João da Eira

Jesus! Jesus! Em turbilhões!

Fantasma

Oh!... Oh!...

João da Eira

Eu peço perdão... Peço perdão... Digo isso tudo e o mais que vossemecê
quiser...

Fantasma

Adeus! Até o dia do Juízo!

João da Eira

Passe muito bem... Até lá... Até... Lá...

CENA VI

João da Eira e depois o Vigário

João da Eira

Agora é que eu fico tolhidinho de pernas e braços!... Dói-me a barriga... Tenho calafrios nas canelas... Estou tolhido, não há dúvida, estou tolhido!...

A voz do fantasma (*Ao longe*)

Não te demores, misero mortal.

João da Eira

Ah!... Cá vou, cá vou!... (*bate desesperadamente d porta*) Ó Sr. Vigário! Ó Sr. Vigário!
Ó Sr. Estudante!...

Vigário

Que tem, homem?!

João da Eira

Dá licença? Dá licença?... Deixe-me entrar...

Vigário

Que é?... Que é?!

João da Eira

Deixe-me entrar... Lá dentro, lá dentro, lhe direi... Deixe-me entrar. *(Olhando sempre para trás.)*

Vigário *(Vindo fóra e tomando-lhe o braço)*

Há de dizer-me o que tem... Vossemecê está aterrado!... Viu o lobisomem?

João da Eira

Não me fale mais em lobisomem... Foi uma alma do outro mundo... *(apontando para traz da igreja.)*

Vigário

Pobre homem! Vossemecê é bem desgraçado com as suas visões... Venha cá... *(quer leva-lo atrás da igreja)*

João da Eira

Nada, nada, seu fora tolo!... Tenho um recado a dar-lhe da alma...

Vigário *(Sorrindo)*

Um recado para mim?

João da Eira

É como diz... A alma veio ao reclamo do estudante... *(o padre benze-se como quem se compadece da loucura estranha). Ámen. Ámen... (benzendo-se também)* e disse-me que lhe dissesse que o estudante não era lobisomem, que era um anjo perdido, uma

pedra gastada na coroa (*fazendo menção de uma coroa clerical*) dos serafins, e não sei que mais em latim... Ah! É verdade, disse-me que era um santo...

Vigário

Uma pedra gastada na coroa dos serafins?!...

João da Eira

Tal e qual..

Vigário (*Com sentimento*)

Ó Sr. João, aquele rapaz quer a nossa desgraça...

João da Eira

Qual rapaz?

Vigário

Qual há de ser? Esse maldito que aí anda...

João da Eira

Santo nome de Jesus! Não diga isso que se levantam as almas...

Vigário

A alma era o estudante... Vá com Deus para sua casa...

João da Eira

A alma era o estudante!... O Sr. Vigário é que quer a minha desgraça.. Era uma alma, tal e qual, amortalhada, com o braço amarelo e os dentes negros.

Vigário (*Consigo*)

Que bondade e que maldade!!

João da Eira

Faz favor de chamar-me o estudante, que lhe quero pedir perdão!

Vigário

Criatura de Deus! Vá para a sua casa: dou-lhe outra vez a minha palavra de sacerdote de Cristo, e ministro do altar, que a alma era esse atravessado com um lençol pela cabeça...

João da Eira (*Meditando*)

Sabe que mais... Parece-me que tem razão... O Sr. Vigário dá-me a sua palavra?

Vigário

Dou, dou, vossemecê é muito medroso; não me parece um homem...

João da Eira

Quem... Eu?! Medroso! Eu digo-lhe, Sr. Rev. Vigário; daqui por diante más terções me colham se eu tiver medo a trasgos e aventesmas, — Por amor disso, vá-se o Sr. Vigário embora, que eu hei de aqui ficar no adro um bom pedaço...

Vigário

Pois fique, e encomende-se a Deus... Boas noites.

João da Eira

Passe muito bem...

CENA VII

João da Eira e depois Carlos

João da Eira

Quero ver agora!... Aqui estou!... Que venham, que venham as almas... Porque não vêm? Eu aqui estou!... Aquele maroto!... É já duas vezes que me engana... Ah! Ele aí vem... Ora anda... Não sei, mas chego-te...

Carlos (*Solene*)

Ouvi uma voz do outro mundo que me disse: «Vai à alameda do adro, onde um homem te espera para pedir-te perdão de uma calúnia». Será o senhor esse homem?

João da Eira (*Rindo materialmente*)

Sou eu mesmo, para o servir, e vossemecê era a alma, que aqui andou há bocado embrulhada num lençol...

Carlos

Era eu a alma!? Está bom. Levantai-vos. Mortos!

João da Eira (*Primeiro aterrado, e depois emendando-se*)

Tenha lá mão, tenha lá mão!... Chame... Pode chamar... Chame lá quanto quiser...

Carlos (*Apontando para o lado da igreja*)

Veja senhor!

João da Eira repara, e vê outro fantasma que vem. — Aterra-se e cai de joelhos.

João da Eira

O Sr. Vigário foi que me enganou (*o fantasma pára a alguma distancia*). Perdão, Sr. Estudante. V. S.a não é lobisomem.

Carlos

Levante-se!

João da Eira

Muito obrigado, por muitos anos...

Carlos (*Apontando para fora*)

Mirre-se!

João da Eira

Se eu prestar para alguma coisa, não tem mais que escrever para João da Eira da Reboriça...

Carlos

Evapore-se!

(João da Eira sai).

Carlos e o criado tirando o lençol:

Carlos *(Rindo)*

Foi bem apanhada!... Agora posso lá ir, inclusivamente...

Criado

Isso é que é verdade.

CENA VIII

Os mesmos e uma criada

Criada (*À porta*)

Sr. Carlos, onde pôs um lençol da sua cama?

Carlos

Está aqui; pega lá...

Criada

Dê cá... Faz andar a gente douda a procurar!...

(FIM DO SEGUNDO ACTO)

ACTO III

O palco, na sua maior extensão, representa a descabida de uma serra, formando uma esplanada em que assenta um arraial ou romaria. A encosta da montanha é acessível e praticável. O arraial no Minho varia, em costumes, muito pouco das outras províncias. Compete ao ensaiador idear o que lhe parecer além dos tabuleiros de beberagens, casas de pasto abarracadas, pipas de vinho dispersas, tabuleiros da roda da fortuna, jogadores de vermelhinha, cercados de parvos, turbas circulando em romaria à igreja. Desta, a frontaria deve ser bem reentrante nos bastidores para não empecer a extensão do arraial. A porta da mesma está S. Bartolomeu, santo volumoso, de ferro, e orago da freguesia, com o seu tabuleiro de flores, e moedas de cobre, que os romeiros devotamente lançam quando passam. Este santo é escoltado por dois homens de opa vermelha e lenços atados à cabeça. E imenso o estrepito de bombos, rabecas, violas, e varetas. Duas estúrdias que são organizadas por aqueles instrumentos e grande séquito de povo atravessam a cena e fazem romagem em torno da capela. Na 1.^a avultam os representantes do 1.º acto; na 2.^a, outras figuras. As cantigas são ao

arbítrio da direção pela parte musica. As esturdias, depois de algumas voltas, fazem junção ao pé das pipas de vinho. João da Eira destaca-se então dos grupos com a sua filha, a sua fisionomia é abatida e magra.

CENA I

João da Eira e Mariana João da Eira

Então, rapariga, vamos aos exorcismos?

Mariana

Não. Sr. Pai... Deixemo-nos dessas coisas... Eu não quero exorcismos... Quero-me ir embora para casa...

João da Eira

Pouco irás... A que te trouxe eu cá? E o que faltava, vires à reza para botar fora esse espírito que se te meteu no corpo, e ires-te embora como viestes... Olha a tua mãe como está melhor desde que lhe leram os exorcismos...

Mariana

Deixa-la estar... Não quero e tenho dito... Não quero... Eu bem sei que não tenho coisa ruim no corpo...

João da Eira

Pois quer queiras, quer não, hão de se te rezar, e há de ser já... (pegando-lhe do braço). Vamos... Anda daí...

Mariana

Não vou, não vou!...

João da Eira (*À parte*)

Então é espírito ou não é espírito (*chamando*) Ó Manuel, ó Manuel do Portelo. (*cuspiendo nas mãos*).

CENA II

Os mesmos e Manuel do Portelo

Manuel do Portelo

Que é cá preciso?

João da Eira

Ajuda-me a levar a Mariana ali à porta da capela...

Manuel do Portelo

E mais não é preciso muito... (*dá-lhe um braço*).

Mariana

Não me magoem, que eu grito aqui d'el-rei... Deixem-me, larguem-me...

João da Eira

Pega bem, Manuel, que isto é o diabo que falia nela...

Manuel do Portelo

Pois há de sair para fóra...

Mariana (*Gritando*)

Ai Jesus, que me matam!... Deixem-me... Que me quebram os braços...

CENA III

Os mesmos, mais povo e um padre

(Aos gritos de Mariana apinha se povo; acode uma patrulha e um padre de sobrepeliz, com um ripanço e caldeirinha.)

Patrulha

Que é isto aqui? Que fazem a esta mulher?

João da Eira

É a minha filha que tem o diabo no corpo... Aqui está um Sr. Padre... Faz favor de rezar-lhe os exorcismos?

Mariana *(Debatendo-se nos braços de eles)*

Não quero, não quero, deixem-me respirar, que estou abafada. Pelo amor de

Deus...

Padre

Benzam se todos *(executam com grande aparato de devoção)* Espírito diabólico, eu te requeiro! Que queres desta criatura?

Mariana

Quero ir para minha casa...

Padre

Há quanto tempo te meteste no corpo desta criatura?

(Um mancebo bem trajado, com meio rosto tapado por um lenço branco, solta uma desatada risada, e some-se na multidão. Aquela gente assusta-se, e Mariana grita com grande esforço.)

Mariana

E ele... E ele a rir-se de mim!

Padre

Ele... Quem?

Vozes

E o espírito que saiu...

Padre

Tragam o santo! Tragam o santo! (*O povo põe-lhe o santo na cabeça*).

Mariana

Tirem-me este peso da cabeça... Tirem-me isto... Ai que me abafam!

João da Eira

Olha o espírito a estrebuchar... Anda, que hás de sair para fora...

Manuel do Portelo

Isso é que é verdade... Ou ele não entrasse...

Padre

Calem-se vocês.

Mariana

Senhor pai... Eu que mal lhe fiz? Manuel! Não me apertes... Que me quebras este braço... Te renego, te renego!...

João da Eira

Então, é ou não é espírito?

Povo

E, é, cruces... *(fazendo cruces com os dedos a Mariana.)*

Padre (*Aspergindo água benta*)

Espirito! Eu te requeiro, em nome das três pessoas da Santíssima Trindade. Ou tenhas entrado de telhas abaixo, ou portas acima, de noite ou de dia, às claras ou às escuras, na água ou na terra, na comida ou na bebida, no vestir ou calçar, em seda ou linho, ou estopa, ou qualquer matéria de fiação...

(Ouve-se outra risada do mesmo que se rira anteriormente que outra vez se some).

Mariana (*Apontando*)

É ele... É aquele!

João da Eira

Ande, Sr. Padre, que me parece que ele já se foi...

Padre

Demónio! Deixa a criatura; eu te exorcizo, eu te requeiro, eu te condeno para as profundidades do inferno.

Vozes

Amem. Amem.

Mariana (*Apontando o desconhecido que reaparece*)

Ah!... Ah!... (*desmaia*).

João da Eira

Parece-me que se foi desta vez, Sr. Padre.

Padre

Vamos ver. Espírito ruim! Demónio tentador das criaturas! Ela não se meche?

João da Eira

E que nada.

Manuel do Portelo (*Largando-a*)

Não vê, Sr. Padre... Ela aí está mansa como um borrego...

Padre

Podeis ir com Deus. Esta rapariga já não tem espirito.

João da Eira

Deus lhe dê saúde (*mete lhe dinheiro na mão*) e perdoará!...

(*O padre sai*).

CENA IV

Mariana, João da Eira, Manuel do Portelo, raparigas, rapazes

O grupo desconjunta-se. Mariana está nos braços de Miquelina

João da Eira

Agora, vá a beber... Isto de exorcismos é como se quer... Ó raparigas! Não ouvistes o diabo a rir-se duas vezes aqui para traz?

Vozes

Vimos, vimos...

João da Eira

Venha de lá esse vinho.

Manuel do Portelo (*Com um copo de canada*)

Lá vai à nossa... Comece por aí (*dando a João da Eira*) é mão de samear...

João da Eira

Está em boa mão.

Manuel do Portelo

Vossemecê é mais velho (*bebem*)

Mariana

Sr. Pai...

As raparigas

— Estás melhorzinha?

— Vamos para casa?

— Já não tens coisa má no corpo?

João da Eira

Ela já veio a si?

Mariana

Sr. Pai...

João da Eira

Que queres, que queres, rapariga?

Mariana

Vamos embora?

João da Eira

Como estás lá no interior?

Mariana

Estou muito cansada...

João da Eira

Pudera, não...

Manuel do Portelo

Tu conheces-me, Mariana?

Mariana

Conheço...

Manuel do Portelo

Olha que suei a agarrar-te aí pelas costas... Vá lá uma pinga, e que leve o diabo o espírito...

Mariana

Não quero... Estou em jejum.. Deixai-me... Jesus! Santo nome! Deixai-me, raparigas...

João da Eira

Então isso está fino, hein? Ó rapaziada, vá agora aqui de rópia uma cantiga, e vamos jantar depois até não levar mais a barriga...

As raparigas

Está dito.

(Em quanto elas cantam, Mariana não afasta os olhos penetrantes do arraial, como quem procura alguém com ansiedade)

Canto

Raparigas:

O demónio quis tirar-nos

Esta nossa companheira.

O maldito ia fazendo

Que ela morresse solteira.

Rapazes:

Ainda bem! Foi-se o demónio,

Solteira não morrerá;

Cá estou eu ou se há quem queira,

Se é homem, venha para cá!

(Repetem todos a primeira).

Ouve-se uma terceira risada: A cantiga pára. Mariana de um salto agarra o desconhecido.

Mariana

Aqui está... Ele aqui está.

(Grande agitação no arraial)

CENA V

Os mesmos e o Desconhecido

João da Eira (*Agarrando-o*).

Que se passa?

O desconhecido

Deixe-me, se não, chamo a patrulha.

João da Eira (*Largando-o*).

Deixa o homem, rapariga.

Mariana

Não deixo, não, há de cumprir o que me prometeu... Disse-me que casava comigo...

Manuel do Portelo

Que é lá isso? Ó Sr. Amigo? Você quem é?

(Tira-lhe o lenço do rosto).

João da Eira *(Aterrado).*

Deixem-no! Deixem-no!

Manuel do Portelo

E? O lobisomem! E o lobisomem!

João da Eira

Cala-te, que não sabes o que dizes... Deixa esse homem, que é... Que é... Não sei o que me disse a alma... — é um homem muito grande, muito grande!...

Mariana

Não deixo... Enganou-me e deixou-me... Quero que case comigo...

Carlos (*À parte*)

Que tais são as escospias, hein?

(*A patrulha agarra-o*)

Patrulha

Que diabo de barulho é este?

Mariana

Sr. Pai... Este senhor disse-me que casava comigo e fez-se lobisomem para assustar a mãe...

João da Eira

O quê? O quê? Que dizes?... Estou banzado!

Mariana

Para assustar a mãe, e depois... *(cobre a cara com as mãos)*.

Patrulha

O Sr. Está preso!

João da Eira

Tu que dizes, mulher, pois este estudante?...

Mariana

Sim, sim, foi ele que...

Uma das raparigas

Ó gentes! Vós não ouvis isto? Diz que foi ele que...

Manuel do Portelo

Ó senhores soldados! Deixem-me escavar a cabeça a esse maroto...

Patrulha

Arrede para lá... Um preso é sagrado...

Carlos

Sim, Sr. Estou preso!

(Cresce o tumulto.)

Vozes

Mata! Mata! Fóra os casacas!

(A patrulha é ensarilhada nos paus)

Mariana

Não, não lhe batam... Manuel (*botando-se-lhe de joelhos*). Eu é que tive a culpa...

Batam-me antes a mim...

João da Eira

Ó seu maroto! Você teve alma de...

Manuel do Portelo (*Apontando-lhe uma paulada à cabeça*)

Leva lá a primeira, meu lobisomem!

CENA VI

Os mesmos e o Vigário

Vigário (*No centro dos amotinadores*)

Que é isto? Rapazes!

(Aplacam-se subitamente).

João da Eira (*Lacrimejando*)

Bem dizia V. S.a que este estudante era a nossa desgraça em pessoa. Olhe aqui...

(fala-lhe ao ouvido) a minha filha, Sr. Reverendo vigário!...

Vigário

Ouçam-me todos. Sr. Carlos, venho aqui livra-lo de um justo furor popular, lembrando-me que é ainda possível lavar as suas nodoas com um acto de

caridade e de virtude. O Sr. Deve casamento à filha deste honrado lavrador?

Carlos

Sim, Sr.

Mariana *(Para as raparigas)*

Veem como ele confessa?

Vigário

Ou o senhor casa com ela, e tem a contar com a minha amizade e com a desta boa gente, ou não casa, e então, já que as leis não punem crimes deste género, eu entrego-o à punição deste povo justamente indignado... Escolha...

Carlos

Casarei.

Mariana (*Abraçando-o*)

Ah! Bem me dizia o coração que me não tinhas esquecido, meu Carlos...

João da Eira

Homem, a falar a verdade, sempre sucedem casos!

Manuel do Portelo (*À parte*)

Não sei ainda como isto será.

Vigário

Pois bem... Seremos todos felizes. Eli comprometo-me a alcançar indulgência do Sr. Arcebispo. O casamento deve ser hoje mesmo ali na capela... Convêm, Sr. Carlos?

Carlos

Sim, senhor, hoje mesmo... Porque não? Essa é boa...

Vigário

Pois então vá cumprir o preceito. Confesse-se, que Mariana (*e logo será a Sra. D. Mariana*) vou ouvi-la de confissão... Podem ainda comungar, não é verdade?

Mariana

Eu estou ainda em jejum.

Carlos

E eu também.

Vigário

Então, daqui a uma hora, aqui estamos outra vez...

João da Eira

Não... Ele não se perde... O casaco é bem conhecido... Não anda cá outro tão

engelhado nas costas como este... Nós o chamaremos...

Carlos

Até logo, meus amigos. Adeus, Mariana. Nós alguma vez havíamos de casar...

Enfim o que se há de fazer...

Mariana

Ao tarde, faça-se ao cedo, não é assim?

Carlos

É verdade... Até logo...

Vozes

Viva o Sr. Vigário!! Viva!

CENA VII

Carlos de Ataíde e o criado

A multidão vai para o fundo, folgando na sua estúrdia. Dançam e cantam a chula. Carlos fica acenando com o criado que já conhecemos na encamisada, e com o 2.º fantasma. Quando cessam as damas e as cantigas, ouve-se Carlos..

Carlos

Sim, não, não, sim, entendes?

Criado

Entendo, sim, senhor

Carlos

Nem mais, nem menos — sim, não, sim, não, não, sim, entendes?

Criado

Sim, senhor.

(Desaparecem).

CENA VIII

A patrulha, rapazes, Manuel do Portelo

Continuam as estúrdias a passar umas após outras. Alguns rapazes fazem suas partidas de pão; o povo, que julga começada a cena da pancadaria, começa a fugir com grande gritaria pela montanha acima. A patrulha, de baioneta calada; intromete-se, gritando: Abaixo os paus.

Manuel do Portelo

Não é nada, camaradas... Nós estávamos a rir... Não é nada, é vito serio!

Patrulha

Não queremos saber de brincadeiras... Se tornam a alvoraçar o povo, são presos.

(Os dos paus riem-se). Ah! Vocês riem-se, seus brutos!

Manuel do Portelo

Então sempre hão de saber que toparam com o seu homem. É lá, rapazes, a eles... Acaba-se aqui hoje o mundo!...

(A patrulha ameaça atacar de baioneta calada).

CENA IX

Os mesmos e o vigário

Vigário (*Intervindo*)

Então que é isto, rapazes!?

Manuel do Portelo

E que queríamos mostrar a estes soldados que os homens ainda se não acabaram...

Vigário

Ó camaradas!... Vossemecês bem sabem o que são romarias. Estes rapazes, fartos de trabalho, vêm aqui esparecer, bebem a sua pinga, e depois... Ora vão na graça do Senhor... E vós... Acomodai-vos em nome de Deus!...

Manuel do Portelo (*Lançando lhe o pão aos pés*)

Está bom, Sr. Vigário. O meu pão aí está por bem.

Outros rapazes

E o meu.

E o meu.

E o meu.

Vigário

Está bom. Peguem nos seus paus, mas não façam brigas...

CENA X

Os mesmos e João da Eira

Começa a descer a gente das montanhas que estivera em observação

João da Eira (*Trazendo um grande copo de vinho*)

Bebam lá. Camaradas! Soldados e povo, são tudo irmãos... Viva a bela companhia!

Patrulha (*Bebendo*)

À sua saúde!

João da Eira

Que lhe faça bom profício. — e é para a terra!... Quem paga é o João da Eira da Reboriça. Se por lá passarem alguma vez, não têm que perguntar,.. Vossemecês

metem pela rua arriba, carregam sobre a sua esquerda, não fazem caso do
quelho que vai dar à tapada do Manuel da Moita, e batem de cara na porta do
meu quinteiro, que não há lá outra pintada de vermelho...

Patrulha

Não faltarà ocasião... Adeus, Sr. Lavrador.

(Saem).

Justo da Eira

E viva a polícia! Então, Sr. Vigário, a rapariga está desobrigada?

Vigário

Deus é que o sabe... Agora resta que venha quem falta.

João da Eira

Eu vou dar uma volta a ver se o vejo... O casaco é bem conhecido...

(Sai).

CENA XI

Mariana e Miquelina

(Separadas do grupo)

Miquelina

Então vais casar com um fidalgo?

Mariana

Bem me importa a mim que ele seja ou não fidalgo!... O que eu quero é que ele me não faça passar por vergonhas do mundo.

Miquelina

Tu também deixaste-te enganar assim com tão pouco... Que viesse para cá!...

Mariana

Se tu lhe tivesses amor como eu...

Miquelina

Isso sim!... Que viesse para cá!... Se te tinha amor, que casasse contigo... Mas casa agora que é o mesmo, e fica tudo esquecido...

Mariana

E tu não eras minha amiga se soubesses que eu?...

Miquelina

Tua amiga, isso era eu, mas o meu pai não me deixava andar à tua beira nas segadas, e nas bessadas... Deus nos livre!... Nem pensar nisso é bom... E tu vais para Vila Real com o teu homem?

Mariana

Eu não sei... Vou para onde ele quiser que eu vá... Sou sua mulher...

Vozes

Ele lá vem... Ele lá vem.

CENA XII

Os mesmos, João da Eira e o suposto Esposado (vestindo como Carlos, e com o mesmo lenço apertado a meia cara).

João da Eira (*Muito contente*)

O nosso esposado vem a rezar a penitência... Ele não diz nada...

Vigário (*Que tem vindo com a multidão*).

Eu cá vou preparar isto à capela.

(Sai).

Vozes no arraial

É um casamento! É um casamento!...

João da Eira (*Para o esposado*)

Então que é isso? Doem-lhe os queixos?

Esposado

Sim.

João da Eira

Foi da água fria quando comungou... Quer um golo de licor?

Esposado

Não.

Manuel do Portelo

Parece que está a não querer falar, ó Sr. Estudante!

Esposado

Sim.

Mariana (*Aproximando-se com receio*)

Estás doente dos dentes?

Esposado

Não; sim.

Mariana (*Abraçando Miquelina*).

Não sei que adivinho?...

João da Eira

Sim, ou não?

Esposado

Não, sim, sim, não, não, sim...

Manuel do Portelo

Este diabo está a fazer-se maluco!... Se não fosse ser coisa do Sr. João, tamanha lombada lhe escorregava pelas costelas...

Vigário (*Vindo da capela*)

Está tudo pronto; vamos, Sr. Carlos de Ataíde...

Esposado

Sim, não, não, sim.

Vigário

Esta voz não é a dele!... Tire lá esse lenço...

Esposado

Sim. Não, não, sim, sim. Não.

Manuel do Portelo

Qual não, nem sim. (*Arranca-lhe o lenço*).

Grito geral de surpresa. O criado ri-se.

Manuel do Portelo

É o Manuel da Pitosga!

Vozes

Sem tirar nem pôr.

Criado (*Rindo muito*).

É como diz. Sou o Manuel da Pitosga com a roupa do meu amo.

Vigário

Oh meu Deus! Que aflição!... Que vergonha!... Que é do teu amo?

Criado

Eu sei cá dele!... Vestiu o meu fato,, e fugiu-se...

Vigário

Que vergonha! Que infâmia!

Mariana (*Abraçando Miquelina*)

Miquelina... Não sejas minha inimiga...

(As outras começam a retirar-se com cara de desprezo.)

João da Eira (*Chorando*)

Que grande desgraça!... O que não será falado isto!... Rapariga! Eu não te tratarei mal... O que eu tenho teu é... Terás sempre que comer ao menos... Já que não tens... Honra...

CENA ULTIMA

Os mesmos, e Carlos de Ataíde (Com trajo de criado).

Carlos (*Abraçando Mariana*)

Tem honra, sim, senhores, que é minha mulher.

(*Gritos de surpresa*)

Mariana

Ó meu Carlos! Filho do meu coração!

João da Eira (*Abraçando-o*)

Eu sempre disse que vossemecê era homem de palavra.

Vigário

Depois de dar graças a Deus, por me livrar de tamanha vergonha, dar-lhe-ei um abraço, Sr., Carlos. *(Entra na capela).*

Carlos

Meus amigos! Nunca me lembrei que o sentimento da compaixão me obrigaria a casar. Era preciso acabar com isto. Primeiro fui lobisomem, depois alma penada, depois Manuel Pitosga e resta-me ser homem casado. O homem casado tem maior fadário a cumprir que o lobisomem, anda mais sombrio que uma alma penada; torna-se mais aparvalhado que um Manuel Pitosga... Está dito; quero reunir tudo — vou casar contigo!

João da Eira

E viva quem tem bom carater! A minha Maria há de ficar espantadinha quando nos lá vir... Eu vos abençoo.

(Dirigem se para a capela, e corre o pano com grande estrondo de estúrdias que devem harmonizar no seu tanger alegre).

FIM